

# “Se for para destruir uma forma de jornalismo, então que seja”:

## Entrevista com Fabiana Moraes

“If a form of journalism is to be destroyed, then so be it”: Entrevista com Fabiana Moraes

Comovi – Comunicação e Mobilização dos  
Movimentos Sociais em Rede<sup>1</sup>

Katarini Miguel<sup>2</sup>

Camila Andrade Zanin<sup>3</sup>

Rafaela Flôr<sup>4</sup>

Tainá Jara<sup>5</sup>

### Resumo

Entrevista exclusiva com a jornalista, professora e pesquisadora Fabiana Moraes da Universidade Federal de Pernambuco, realizada por integrantes do Grupo de Pesquisa “Comunicação e Mobilização dos Movimentos Sociais em Rede”, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – CNPq.

**Palavras-chave:** Jornalismo de subjetividade. Feminismo. Identitarismo.

### Abstract

Exclusive interview with journalist, professor and researcher Fabiana Moraes from the Federal University of Pernambuco, conducted by members of the Research Group “Communication and Mobilization of Social Movements on the Net”, from the Federal University of Mato Grosso do Sul – CNPq.

**Keywords:** Journalism of subjectivity. Feminism. Identity.

<sup>1</sup> Grupo de Pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Diretório CNPq: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2585598494507728](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2585598494507728)

<sup>2</sup> Líder do Grupo, Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, Mestre em Comunicação Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (Unesp), Professora do curso de graduação em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMS. E-mail: [katarini.miguel@ufms.br](mailto:katarini.miguel@ufms.br)

<sup>3</sup> Doutoranda em Comunicação pela UFMS. E-mail: [candradezanin@gmail.com](mailto:candradezanin@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutoranda em Comunicação pela UFMS. E-mail: [rafa.flor@gmail.com](mailto:rafa.flor@gmail.com)

<sup>5</sup> Doutoranda em Comunicação pela UFMS. E-mail: [tainajara@gmail.com](mailto:tainajara@gmail.com)

### Para situar a conversa

Há pelo menos três anos nosso grupo de pesquisa “Comunicação e mobilização dos movimentos sociais em rede” (Comovi – CNPq/UFMS), formado em 2014 e composto atualmente por 11 pesquisadoras mulheres que investigam feminismos, ativismos e práticas jornalísticas engajadas e coerentes com a objetividade feminista, debate as obras da jornalista e pesquisadora Fabiana Moraes para entender a perspectiva de gênero, raça e classe no jornalismo. Professora dos cursos de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco e graduação em Comunicação Social, no Centro Acadêmico do Agreste, Fabiana é autora de livros, articulista da Revista Gama e do Intercept Brasil, já ganhou três prêmios Esso e foi homenageada pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) em 2024.

A presença dela no Ciclo Internacional de Debates (De)marcando as Diferenças, realizado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em 8 de abril de 2025, para compor a mesa Gênero e Democracia e relançar seu livro *O nascimento de Joicy*<sup>6</sup>, 10 anos depois da primeira publicação, foi a oportunidade de dialogarmos com nosso aporte teórico. Entre as tantas ideias e propostas da pesquisadora, uma tônica persiste e nos deixa em alerta: o ciclo branco, masculinista, heteronormativo, financista, mediante qualquer rasura em seu quadro de referências, reage com acusações de ingenuidade, militância demais, segregação. “Então o jornalismo serviu para a desqualificação, para a desumanização, mas não pode se posicionar para reverter, inclusive, um próprio discurso fundante do jornalismo em relação ao gênero que desqualifica a mulher?”. Fabiana, assim como nosso GP, aposta no entendimento da interseccionalidade para conseguir ultrapassar a crítica meramente economicista, e assim se responsabilizar pelas práticas e humanizar de fato o jornalismo.

Da subjetividade jornalística hegemônica – aprendemos com ela que não há nada mais subjetivo que o jornalismo convencional –, passando pelo nosso incômodo com um certo movimento anti-identitário que vem crescendo, contaminando os progressos acadêmicos e profissionais e chegando no “drible”, sintetizamos aqui nossa entrevista.

---

<sup>6</sup> “O nascimento de Joicy” é uma reportagem sobre uma mulher transexual, ex-agricultora e cabeleireira, que procurou o serviço público de saúde para realizar a cirurgia de readequação sexual, publicada em 2011 no Jornal do Commercio, de Pernambuco. A reportagem, vencedora do Prêmio Esso de Jornalismo, foi lançada em livro pela editora Arquipélago Editorial em 2015, com relançamento em 2025.

**Comovi – De imediato, queremos registrar que vimos a homenagem da Abraji<sup>7</sup>, em que foi ressaltado o fato de você ser uma jornalista fora do eixo sul-sudeste, o que nos contempla e serve de inspiração. Na ocasião, você relata certa desilusão com o jornalismo, que inclusive pensou em desistir, mas persiste com a reportagem *O nascimento de Joicy*, que se tornou um livro, relançado agora, dez anos depois. Queremos saber se, dentro dessa reportagem e da escrita do livro, você conseguiu atingir essa subjetividade que você veio a conceituar depois. E nesta obra e na sua carreira, como você consegue executar o rompimento com a imparcialidade sem abrir mão dos métodos e técnicas da reportagem?**

**Fabiana –** Em relação à primeira pergunta, eu talvez tenha me expressado mal na Abraji. Eu não me desencantei com o jornalismo em nenhum momento. Eu me desencantei com uma forma de fazer jornalismo, muito preconizada, muito comum, e que eu também fazia parte ao estar na redação: leva informação, apura, escreve, executa todas essas ações que a técnica de jornalismo pede, mas, ao mesmo tempo, há nesse processo uma maneira que eu vou chamar de “outrificação”, de desumanização recorrente. Uma forma também completamente subjetiva, sem que essa subjetividade esteja, como eu falo no livro, “fora do armário”. Então, a subjetividade está sempre presente desde que o jornalismo nasceu, mas está sempre escondida atrás dos próprios indicadores da verdade, da imparcialidade e tudo aquilo colocado historicamente.

Então, quando eu começo a prestar mais atenção na forma como o jornalismo estava sendo executado diariamente, tanto na redação que eu estava quanto no jornalismo da Globo e do Jornal de Brasília, por exemplo, é que eu faço uma crítica a partir de dentro do próprio jornal. Uma coisa muito interessante naquele momento foi fazer com que as reportagens que eu estava produzindo fossem essa própria crítica. Eu começo a entender isso de uma maneira mais clara e faço *Os Sertões*, reportagem de 2009, de uma maneira mais crítica ao jornalismo. Quando fotografamos em um lugar, por exemplo, e a câmera está aberta para que as pessoas vejam que tem um refletor, um tecido, tem toda a parafernália para enquadrar uma pessoa e essa câmera está afastada, aquilo é uma maneira de mostrar a nossa interferência e o nosso

<sup>7</sup> A jornalista foi homenageada no 19º Congresso de Jornalismo Investigativo da Abraji com o documentário “Fabiana Moraes – Brilho e Combate”, produzido pelo Caldo de Cana Filmes e com direção executiva de Gabi Coelho, jornalista independente e diretora da Abraji. Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/fabiana-moraes-brilho-e-combate-documentario-lancado-no-congresso-da-abraji-narra-a-historia-da-jornalista-pernambucana>. Acesso em: 6 de jun. de 2025.

enquadramento. Na foto daquela pessoa havia, obviamente, todo um contexto no qual aquele enquadramento estava sendo realizado e transmitindo uma ideia de verdade.

Quando fui escrever a história da Joicy também havia um pouco dessa tentativa. A forma como eu resolvi narrar era assim, eu me coloco na história, mesmo sem querer. Tem um certo momento da reportagem que a gente pede para a Prefeitura de Alagoinha (PE) mandar um carro para ela, porque ela não tinha onde dormir. E eu conto que ela só foi para casa porque houve interferência do jornal. Então, são formas de fazer uma crítica à questão da objetividade.

Então, voltando à pergunta, não era um desistir do jornalismo, mas um “esse jornalismo que me incomoda eu não vou fazer”. E a minha fé é renovada nesse sentido, quando eu percebo que tem outras pessoas também interessadas e fazendo isso. É no livro *O nascimento de Joicy* que eu começo a organizar essa questão da subjetividade, e no *A pauta é uma arma de combate*<sup>8</sup> isso chega mais amadurecido. Eu começo a entender que o discurso do jornalismo e da objetividade detém inúmeras violências, respaldadas pelo manto da objetividade, com a justificativa de “eu só reportei o que estava lá” ou “eu só coloquei o que a pessoa disse”. Com isso, o jornalismo comete violências, mesmo sendo completamente técnico e objetivo. A gente continua tendo, por exemplo, em casos de violência contra mulher, afirmações naturalizadas como “mulher morre” e não “homem assassina”. Agora essas questões podem estar mais evidentes, mas, inicialmente, quando começo a falar sobre subjetividade, é uma maneira de provocar mesmo, porque era uma palavra quase proibida e eu sabia como “a salsicha era feita”, no caso, a notícia era produzida.

E muita gente acha que apontar isso é uma maneira de destruir o jornalismo, mas se for para destruir uma forma de jornalismo, então que seja, porque já prejudicou uma parcela considerável da sociedade. Quando eu escrevi com a Márcia Veiga da Silva o artigo de 2019<sup>9</sup>, eu estava muito movimentada por pensar como essas questões estavam na epistemologia do próprio jornalismo, e não apenas do campo da prática, porque, muitas vezes, o que a academia faz é botar a culpa na redação. Mas é na universidade que esse negócio também mora, não se trata de sair dali e fazer outra coisa na redação. Portanto, eu estava atrás de um

<sup>8</sup> O livro, publicado em 2022 pela editora Arquipélago Editorial, articula críticas, propostas e reflexões sobre as relações discursivas do jornalismo com grupos sociais historicamente oprimidos. A autora dá lugar central à pauta, situada em um contexto atravessado por hierarquias de gênero, raça, classe social e origem geográfica. Também investiga caminhos de ruptura com os modos colonizados pelos quais o jornalismo atua, e defende o jornalismo de subjetividade.

<sup>9</sup> VEIGA DA SILVA, M.; MORAES, F. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: A subjetividade como estratégia descolonizadora. In: 28º Encontro Anual da Compós. **Anais** [...] Porto Alegre: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019.

jornalismo melhor, não numa escala moral, mas um jornalismo que eu não tivesse vergonha de dizer que fazia.

**Comovi** – No livro *A pauta é uma arma de combate*, você chama atenção para o risco de se reduzir a subjetividade ao plano individual, sem considerar sua dimensão coletiva. Estudando a imprensa feminina e feminista, identificamos traços dessa subjetividade mais social. Na sua visão, práticas como essas — que trazem temas pessoais e domésticos ao debate público — estão mais próximas dessa subjetividade coletiva? Ou isso não é, por si só, determinante?

**Fabiana** – Eu acho que a questão da subjetividade vai estar na imprensa feminina como ela está no caderno de economia porque é completamente impossível você fazer qualquer forma de jornalismo – ele pode ser cultural, empresarial, de dados, feminino – sem a presença da subjetividade. A questão histórica é o apagamento desse subjetivo por questões várias, como para vender jornal para mais gente, para mostrar um não partidarismo justamente para conseguir alcançar maiores audiências. Se pensarmos do ponto de vista histórico, essa imprensa que vai fazer a revista *Capricho*, a *Cláudia*, e que nasce no *Jornal das Senhoras*, dos anos 1950, surge a partir de uma ideia de hierarquias sociais, a partir do entendimento de que esses veículos vão ser voltados para o ambiente doméstico, assuntos não políticos, como até hoje existem nos jornais matutinos. Vejamos os jornais locais do horário da tarde e o da manhã, as pautas são comida, alimentação, decoração, viagens, ou seja, assuntos atrelados ao lar e a quem está no lar. Tecnicamente, as mulheres estão ali mais do que os homens. Já os assuntos da política são para horários nos quais os homens estão em casa.

A Márcia Veiga fala muito bem dessa racionalidade moderna construída em cima de binarismos. O jornalismo permeia essa racionalidade moderna e ajuda a definir o político e o não político, o que é do debate público e do privado. Quando olhamos de perto, tudo é muito binário. Há binarismo até no sentido de que há o assunto da noite e o assunto do dia, o assunto de fora e o assunto de dentro da casa, o assunto masculino e o assunto feminino. Por exemplo, as pessoas não olhavam pra mim como uma repórter de política, porque eu era repórter de cultura ou repórter de turismo, cobria moda há quase dez anos. Isso não era entendido como política e eu tirava partido disso. As pessoas achavam que eu devia ser muito boba por cobrir moda e eu surpreendia com ótimas reportagens que ninguém esperava.

**Comovi** – Acompanhamos algumas críticas à proposta de subjetividade, muito na esteira de análises anti-identitárias incomodadas com a emergência de novos corpos na concepção, produção e pensamento jornalístico. Descrevem como uma vertente ativista e de um mosaico de parcialidades que infla o jornalismo de ideais neoliberais. Também classificam como um ataque ao jornalismo enquanto forma social de conhecimento, conceito elaborado pelo Adelmo Genro Filho. Como você responde a essas críticas?

**Fabiana** – Primeiramente, eu concordo totalmente com o Adelmo. Mas tem duas palavras aí que eu já acho que dizem um bocado. Quando coloca o ativismo como algo menor e não sério, e classifica como identitarismo, o que está chamando de identitário?

Entendo a importância do paradigma marxista, que tais críticas se baseiam, mas não posso entender como um teórico ou uma única filosofia vai conseguir dar conta de toda a compreensão a respeito de um país e de novas formas de trabalho, de relações sociais, de compreensão do eu, ao longo do tempo. Então, precisamos observar as filigranas do que está acontecendo na sociedade. Eu não consigo compreender como é que você vai entender o que é o racismo no Brasil, um país que nunca reconheceu a própria história e o legado da escravidão, e simplesmente usar um autor para dar conta disso, colocando a problemática apenas como uma questão de classe social, porque não é. Quem vem de famílias birraciais, sabe muito bem o que significa ser branco e negro dentro de um contexto de pobreza. Em uma comunidade pobre uma mulher branca sofre uma série de violências a partir de uma população masculina negra. Ao mesmo tempo, essa população masculina negra é aquela que vai estar a serviço de uma população branca, e é a que mais morre pela violência urbana e policial, mas está melhor remunerada que as mulheres negras, aquelas que estão cuidando de todas as casas, cuidando de todos os filhos. Então, eu tenho aqui esses feixes que não podem ser entendidos como simplesmente identitarismo, ou questões nichadas, elas provocam diferenças determinantes no mundo.

Eu fico muito impressionada quando você simplesmente coloca o identitarismo como uma questão de ativismo. E eu me pergunto, por exemplo, quando é que podemos contar com o Congresso Brasileiro, formado em sua maioria por homens brancos, para legislar sobre a melhoria das condições de trabalho de empregadas domésticas, categoria composta em sua maioria por mulheres negras? Não são os homens brancos no Congresso que vão discutir isso de fato. Quem vai levar isso à frente é a pressão feita pelos movimentos sociais.

Eu posso falar também de indígenas nesse sentido. Quando é que eu vou ter um avanço social em relação a essas pessoas? E aí eu volto a Marx (a gente sempre volta!), como é que eu posso discutir a pobreza brasileira e classes sociais sem observar que é justamente nessas trincheiras que a discussão está dada e que isso não consegue chegar, muitas vezes, ao Congresso Nacional por questões de classe, gênero, localização geográfica? Então, acredito que há uma completa simbiose entre estudar classes sociais, compreender Marx na perspectiva histórica, e entender o que é interseccionalidade no Brasil. É uma falta de compreensão muito grande do que está sendo discutido, que pode ter a ver com um certo desconforto em relação ao próprio campo, como se a base não fosse mais tão sólida quanto antes.

**Comovi – Por outro lado, reconhecemos que muitas outras pesquisas assumem seus conceitos e demonstram entusiasmo em relacionar a subjetividade com a práxis jornalística, reforçando o entendimento das identidades como fundamento para o jornalismo mais comprometido, por exemplo, com a perspectiva de gênero. Isso mostra que você (nós!) não está sozinha, mas como entender essas interseccionalidades em um mundo marcado por disputas de sentido?**

**Fabiana –** É muita má vontade classificar, por exemplo, a questão de gênero como mero identitarismo no jornalismo, considerando o estudo de fôlego que faço em *A pauta é uma arma de combate* e os estudos que a Márcia Veiga faz, tanto no mestrado quanto no doutorado<sup>10</sup>, onde ela demonstra como questões muito específicas de gênero emergem nas redações.

No meu livro citado, já no primeiro capítulo, quando eu uso aquela imagem do Ícaro se afogando e as pessoas tocando as próprias vidas normalmente. Eu faço a analogia desse quadro não só com o momento atual, mas eu trago vários exemplos e cito, por exemplo, a construção da cidade da Copa no Catar e da quantidade de trabalhadores que morreram ali, mais de 10 mil pessoas. Eu falo a respeito da questão dos imigrantes e refugiados para discutir um trabalho plataformizado no mundo atual. Um trabalho que tem a ver justamente com uma superexploração de pessoas que saem dos seus países por motivos variados e como o capitalismo vai explorar esse corpo. É um corpo que se antes eu podia dizer assim “nossa, eu

---

<sup>10</sup> VEIGA DA SILVA, M. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. VEIGA DA SILVA, M. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis**: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.



estou sendo explorada e vou me sindicalizar para discutir essas questões” – e veja que posso recorrer aqui também à Marx – hoje eu tenho um corpo que diz “por favor, me explore porque eu preciso sobreviver”. Então, eu estou falando de novas relações de trabalho dentro desse contexto globalizado, de *big techs*, de guerras. Onde é que eu posso falar que isso é um movimento identitário? Posso falar que imigrante é identitário? Ou eu posso falar que o corpo superexplorado está localizado dentro do identitarismo?

Então, eu fico meio assustada quando você não consegue entender quais são as novas formas de dominação que estão presentes. Porque a gente viu agora, quando o Trump alcança o poder e seu o primeiro discurso oficial tem a frase: “daqui de hoje por diante tem dois gêneros, masculino e feminino. A meritocracia vai ser a nossa política”. Eu estou falando sobre pessoas LGBTI+, eu estou falando sobre a população negra, eu estou falando sobre empresários de *big techs* que estão levantando o braço num movimento que faz quase um *rebranding* do fascismo e do nazismo. Me parece que certas pessoas não estão alcançando essa sutileza da dominação e das formas de racismo, autoexploração e das políticas antigêneros, por exemplo. Enfim, como eu disse, a questão está nas redações, mas também na academia. Como nesse caso em que pessoas do meio se organizam para desqualificar um trabalho, colocando-o quase como algo ingênuo, quando o que existe, na verdade, é uma sofisticação teórica grande, e que vai de encontro a uma forma de fazer ciência também, que não estamos mais interessadas em fazer.

8

**Comovi – Uma das suas colunas para a revista Gama<sup>11</sup>, abordando como a reivindicação dos marcadores sociais está sendo interpretada como lacração, na acusação do identitário demais, gerou reflexão sobre nosso posicionamento enquanto pesquisadoras feministas. Como responder ou resistir a esses ataques quando nossos próprios pares, muitos por conta da formação marxista já mencionada, desacreditam as pesquisas com objetos-sujeitos de pesquisa que atravessam gênero e raça, por exemplo?**

**Fabiana –** De alguma forma, eu fico feliz que o estado atual da discussão tenha chegado a esse ponto. Eu sei, por exemplo, como *O nascimento de Joicy* e *A pauta é uma arma de combate* são utilizados na universidade; o livro *Masculino, o Gênero do Jornalismo* e as pesquisas de Márcia como um todo são super importantes também e estão tratando sobre subjetividade, mesmo não usando diretamente a palavra. Eu acho que tem uma questão do

<sup>11</sup> Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/colunistas/fabiana-moraes/identitarios-sao-sempre-os-outros/>. Acesso em: 2 de jun. de 2025.



tempo que é precioso, se ficamos o tempo todo reagindo, vamos deixar de fazer pesquisas que nos são caras. Mas é triste ver a desqualificação do trabalho de duas pesquisadoras que, já desde a Compós em 2019, foram chamadas de militantes.

Não acho que a militância ou o ativismo sejam uma coisa menor. Volto a dizer, jornais ditos profissionais como Folha de S. Paulo, O Globo, Correio Braziliense, fazem ativismo há muito tempo e eu nunca vi pessoas tão movimentadas para criticar isso. E aí quando você, de certa maneira, expõe um pouco do maquinário, aí você é chamada de identitária, ou o que quer que seja. Então, assim, como diz o meme: “sem tempo, irmão!”. Acredito que vocês não têm que ficar preocupadas em estar resistindo ou respondendo, vocês têm que fazer as pesquisas nas questões que interessam a vocês. Já tem muitas questões para lidar no dia a dia, como corte de verba para a universidade, dificuldades com questões técnicas e estruturais, desestímulo para as pesquisas.

**Comovi – Então vamos falar de outra coluna sua, desta vez na Revista piauí<sup>12</sup>, intitulada *Coitadismo de héteros, homens e brancos*, nos chamou atenção o ponto que você fala sobre o antidiscurso, ou seja, essa ferramenta de inverter a lógica e expor a contradição da ideia dominante. Gostaríamos de entender quais são os limites éticos desse antidiscurso? Como usá-lo de uma forma mais apropriada?**

**Fabiana** – Eu acho um recurso interessante fazer o jogo das palavras, como uma forma de jogar quem debate com você para o espelho e pegar o espelho virar para a pessoa: “pronto, agora continua a discursar aqui, se olhando, expondo o ridículo da situação”. Podemos usar da falácia, digamos assim, nos apropriarmos do senso comum, de uma estética, de uma prática que, muitas vezes, está associada à extrema direita. Então, esvaziar isso, colocar outro conteúdo dentro daquela estética e devolver. É quase uma ideia de driblar mesmo, que é uma questão que eu quero elaborar melhor. Eu falo de hackeamento e eu falo de drible há algum tempo. Acho que você pode driblar utilizando a mesma roupa.

Eu sou muito visual, então vejamos. Quando os exércitos estavam atacando o Arraial de Canudos foram quatro missões. Eles derrotaram três. Só na quarta o exército vai vencer aqueles matutos sertanejos mal alimentados. É ali que o Exército Brasileiro promove uma das suas grandes carnificinas. Os combatentes de Canudos começaram a vestir as roupas dos soldados que eles matavam e isso os confundia muitas vezes. Então, os exércitos não sabiam quem era quando estavam atacando e, assim, muitas vezes os moradores de Canudos

<sup>12</sup> Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-coitadismo-de-heteros-brancos-e-homens/>. Acesso em: 2 de jun. de 2025.

conseguiram chegar perto e atacar. Então, eu falo um pouco nesse sentido. Isso não é nenhuma novidade porque, por exemplo, é assim que as pessoas conseguem sobreviver muitas vezes em empregos e até nas universidades, mas acredito que temos que entender isso como uma prática discursiva, principalmente nesse ambiente de desinformação, de algoritmos.

Então, temos que produzir dentro da forma, mas com um novo conteúdo. Por isso que eu tenho falado que precisamos disputar o senso comum. Eu fico completamente à vontade em dizer que nós precisamos cuidar de nossas criancinhas, precisamos cuidar da família brasileira, a família brasileira é importante. Vocês acham que isso é mentira? Vocês discordariam disso? Ninguém vai discordar, mas isso a extrema direita pegou e é como se repetindo isso dissessem que todos os outros não se importam com as famílias e apenas rebatemos isso. Eles já deram essa lição para a gente quando se apropriaram da bandeira, é o que todo movimento nacionalista fez no mundo. Daí o MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra] fez uma coisa muito massa: começou a colocar a bandeira do Brasil colada com a bandeira do MST, e sair às ruas. Eu achei aquilo genial, porque tivemos um momento de uma disputa radical de signos, e é através dos signos que vamos ter que fazer essa disputa. E é desse signo, os signos do senso comum. E o humor é uma das armas mais sofisticadas para derrubar discursos e confrontar poderes. Por isso que eu acho o humor no jornalismo maravilhoso.

10

**Comovi – Neste sentido, nos parece que há certa acomodação com as formas jornalísticas, o que pode passar por outro ponto que queremos abordar que é da formação, e do exercício da reflexividade na prática profissional. Vemos relutância de jornalistas, especialmente inseridos no jornalismo diário, em adotar práticas profissionais mais humanas, mesmo isso sendo respaldado por acordos internacionais e estudos de base científica.**

**Fabiana –** A primeira coisa é entender que qualquer variação dentro de lugares que estão muito estabelecidos vai causar reações. Se você joga a pedra no lago e começa a formar aqueles círculos e você tiver que toda vez responder a cada novo círculo que aparece, você vai afundar. Porque é um desgaste enorme, mas se você se aproximar de pessoas com quem consegue estabelecer essas discussões e se fortalecer nesse sentido, é super importante, não só para resistir. Você resiste fazendo o seu. Você vai precisar responder em algum momento, mas precisa se organizar e preparar a sua resposta. É muito engraçado isso! Se o

jornalismo fala sobre sociedade, se o jornalismo fala sobre ser esse porta-voz, ser esse grande mediador, como é que o jornalismo não vai se posicionar em relação à própria carne do que é o jornalismo e do que é a sociedade? Para que serve o jornalismo? É um mediador social, mas não se coloca em relação à sociedade? Então, quando um grupo é criticado ao se posicionar, essa crítica esvazia o próprio fazer jornalístico, esvazia a própria função do jornalismo. O jornalismo, ele serviu historicamente para objetificar mulheres, o jornalismo serviu para falar que as mulheres foram assassinadas por amor, por ciúme, mas o jornalismo não pode se posicionar quando a mulher é vítima de feminicídio?

Então, a gente serviu para a desqualificação, para a desumanização, mas não pode se posicionar para reverter, inclusive, um próprio discurso fundante do jornalismo em relação ao gênero que desqualifica a mulher? Volta para aquele mesmo ponto das pessoas dizerem que jornalismo não pode ser político, que ele não se posiciona, que ele é identitário. Onde é que essas pessoas estavam quando tinha um monte de capa da Playboy falando de time de futebol e uma mulher com os seios de fora? Onde é que essas pessoas estavam quando as tenistas estavam ganhando o Wimbledon e a Folha de S. Paulo estava falando da celulite delas? Onde é que estavam essas pessoas?

**Comovi – Para fechar a entrevista, como a subjetividade no jornalismo pode, em pautas policiais e assuntos que envolvam a violência, humanizar e acolher as vítimas que são, muitas vezes, objetificadas e revitimizadas pela própria neutralidade jornalística.**

**Fabiana –** Não conseguimos num texto muito curto, por exemplo, contar a história de uma pessoa. E vamos reconhecer aqui a precarização da redação: a pessoa tem seis pautas pra fazer e ainda acumula outro trabalho porque ganha muito pouco na redação, não tem tempo. Mesmo assim tem gente que faz.

Vou tentar uma resposta bem técnica. Muitas vezes nesse dia a dia, na pressa, utilizamos a polícia como fonte primária, daí essa polícia, na notícia de um assassinato, me diz que a vítima é um rapaz, ex-presidiário e envolvido com drogas. Eu vou pro jornal e coloco isso. Objetivamente, eu apurei, está correta tecnicamente, mas no fim essa matéria está dizendo que esse menino merecia morrer. Quando eu falo de humanização, é isso. Eu posso obviamente perguntar à polícia, ele tem envolvimento com que droga? Com que base está dizendo isso? Ele foi assassinado enquanto estava traficando? Isso tinha que estar no contexto.

Lembro de uma reportagem que fiz sobre feminicídios, o caderno 'Ave Maria', que está no livro *A pauta é uma arma de combate*, que me dediquei a contar a história de mulheres assassinadas pelos companheiros, mas não conseguiria fazer isso sem tempo e reflexão. Eu penso naquele livro *Histórias de morte matada contadas feito morte morrida*<sup>13</sup>, focado em assassinato de mulheres, que demonstra a forma na qual a cobertura da imprensa vai apagando a presença masculina. Isso aparece também no livro de Márcia Veiga<sup>14</sup>, um pouco menos no meu, mas aparece. Então, me chama muita atenção que jornalistas não queiram olhar pra isso. Porque isso acontece em Campo Grande, ou em Recife, em todo lugar, no mundo inclusive.

Tem outro caso que também está no livro, da foto de uma moça que era flanelinha na Folha de Pernambuco, que era o jornal mais popular. Essa moça foi assassinada pelo companheiro. A Folha fotografou a saia dela levantada, ela assassinada, com a calcinha de fora, ou seja, mesmo morta ela foi sexualizada. Na ocasião, os movimentos sociais, os ativistas "identitários", fizeram pressão. Por causa dessa pressão, o Ministério Público fez o jornal receber uma série de formações dentro das redações sobre cobertura de feminicídio, e assinar um TAC (Termo de Ajuste de Conduta), se comprometendo a fazer reportagens a respeito de feminicídio. O acordo só foi feito por pressão dos movimentos sociais. Então, quando as pessoas começam a se mostrar desconfortáveis com o que está acontecendo, eu acho que deveriam procurar entender o que esse desconforto significa. Isso vai mexer no meu modo de fazer. E não é porque jornalistas são perversos etc., mas porque são coisas internalizadas, naturalizadas ao longo do tempo.

Falar em humanizar, na verdade, significa fazer um jornalismo sem desumanizar as pessoas. Não deveríamos ter de pedir isso. Alegar que não consegue fazer uma cobertura humanizada porque não tem tempo, porque tem pouco espaço, é uma forma simplesmente de se colocar fora do campo, dizer que não se responsabiliza pelo que você está escrevendo. Então, se você não se responsabiliza pelo que escreve, fotografa, transforma em representação, vá fazer outra coisa. O seu lugar não é esse.

## Referências

DE OLIVEIRA, Niara; RODRIGUES, Vanessa. **Histórias de morte matada contadas feito morte morrida**: A narrativa de feminicídios na imprensa brasileira. São Paulo, Drops Editora, 2022.

<sup>13</sup> DE OLIVEIRA, N.; RODRIGUES, V. **Histórias de morte matada contadas feito morte morrida**: A narrativa de feminicídios na imprensa brasileira. São Paulo, Drops Editora, 2022.

<sup>14</sup> VEIGA DA SILVA, M. **Masculino, o gênero do jornalismo**: modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, v. 8, 2014.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza**. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2022.

MORAES, Fabiana. Identitários são sempre os outros. **Revista Gama**, [S. l.], 11 jul. 2021. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/colunistas/fabiana-moraes/identitarios-sao-sempre-os-outros/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

MORAES, Fabiana. O coitadismo de héteros, brancos e homens. **Revista piauí**, [S. l.], 31 out. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-coitadismo-de-heteros-brancos-e-homens/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

VEIGA DA SILVA, Márcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, v. 8, 2014.

VEIGA DA SILVA, Márcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25629/000753018.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 jun. 2025.

VEIGA DA SILVA, Márcia. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis**: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/118550/000969828.pdf?sequence=1&isAllowed=y>, Acesso em: 15 jun. 2025.

VEIGA DA SILVA, Márcia; MORAES, Fabiana. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: A subjetividade como estratégia descolonizadora. In: 28º Encontro Anual da Compós. **Anais [...]** Porto Alegre: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi?lang=pt-br>. Acesso em: 28 ago. 2025.

**Submissão**: 09 jul. 2025

**Aceite**: 21 jul. 2025